

**DA PERIFERIA À UNIVERSIDADE:
sucesso escolar e qualidade de vida de jovens de classe popular**

**FROM SUBURB TO THE UNIVERSITY:
educational success and quality of life of popular class' young people**

Patricia Bandeira de Melo*
NathIELly Darcy Ribeiro Araújo**

Resumo

Este artigo discute as transformações na vida de jovens através do sucesso escolar. A partir da perspectiva lahireana da sociologia em escala individual, observamos a trajetória de vida de alguns jovens até a conclusão do ensino superior no Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão, cidade da zona da mata de Pernambuco, implantada a partir do projeto de interiorização das universidades públicas federais durante os governos do PT, entre 2010 e 2014. É frequente notarmos nas classes populares a chamada *escolha do possível*, que ocorre quando, na condição de que não haja possibilidade de realização do curso superior nas cidades onde a maioria das universidades se concentra, muitos indivíduos de municípios do interior não dispõem das condições de realização de uma graduação, optando por cursos técnicos ou mesmo sem sequer alimentarem anseios de cursar a universidade. Com o processo de interiorização das instituições de ensino público superior, o acesso facilitado à universidade pública e gratuita promoveu uma mudança no perfil de estudantes universitários de municípios interioranos. O objetivo foi de analisar em que medida os saberes escolares se reverteram em mudanças na qualidade de vida desses indivíduos, convertendo-se no que se chama de sucesso escolar, o que demonstra o impacto positivo do processo de interiorização. **Palavras-chave:** Educação. Sucesso Escolar. Sociologia à escala individual. Capital cultural e escolar.

Abstract

This article examines the life changes of young university students through educational success. We notice the life path of some young students until the achievement of higher education in Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão [College Center in Vitória de Santo Antão city, Pernambuco, Brazil], from the lahirean perspective by sociology on an individual scale. This higher educational center was placed during the project of implementation of new federal universities in the Northeast of Brazil, between the years 2010 to 2014, during the Lula and Dilma Rousseff governments. We often notice in popular classes the so-called *choice of possible*, which arises when many individuals from inner cities in Brazil do not have the conditions to be undergraduated because of the attendance of universities only in big cities - many of these students without even feeding the dream of higher education. After the implementation of public and free-of-charge universities in inner cities, we observe a change in the university students profile of these cities because of the facilities in the access to higher education. The aim of this article was to analyze the extent to which school knowledge has reverted to changes in the quality of life of these individuals, becoming what is called educational success, which reveals the positive impact of the internalization process. **Keywords:** Education. Educational Success. Sociology on an individual scale. Cultural and Educational Capital.

* Pesquisadora titular do Núcleo de Estudos em Estatísticas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco (NEES/Fundaj) e professora do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/Fundaj), colaboradora do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP), do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Doutora em sociologia e mestre em comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com pós-doutoramento em curso (2019-2020) no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-ISCTE-IUL). E-mail: patricia.bandeira.melo@hotmail.com.

** Doutoranda em sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, mestra em sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, professora do grupo UNIBRA/IBGM e integrante do coletivo Liberta Elas. E-mail: nathIELly13@yahoo.com.br.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar as condições sociais e econômicas dos indivíduos egressos de cursos superiores das instituições públicas federais no interior de Pernambuco. A ideia foi de observar se o sucesso escolar foi alcançado, revertendo-se em melhoria na qualidade de vida de estudantes egressos dos *campi* localizados no interior do Estado. Para isso, utilizando-se da perspectiva teórica da sociologia em escala individual de Bernard Lahire, concentramos o nosso estudo em um grupo de três alunos, aprofundando o trabalho na trajetória de vida do jovem *David*¹, à época da pesquisa, doutorando em Enfermagem.

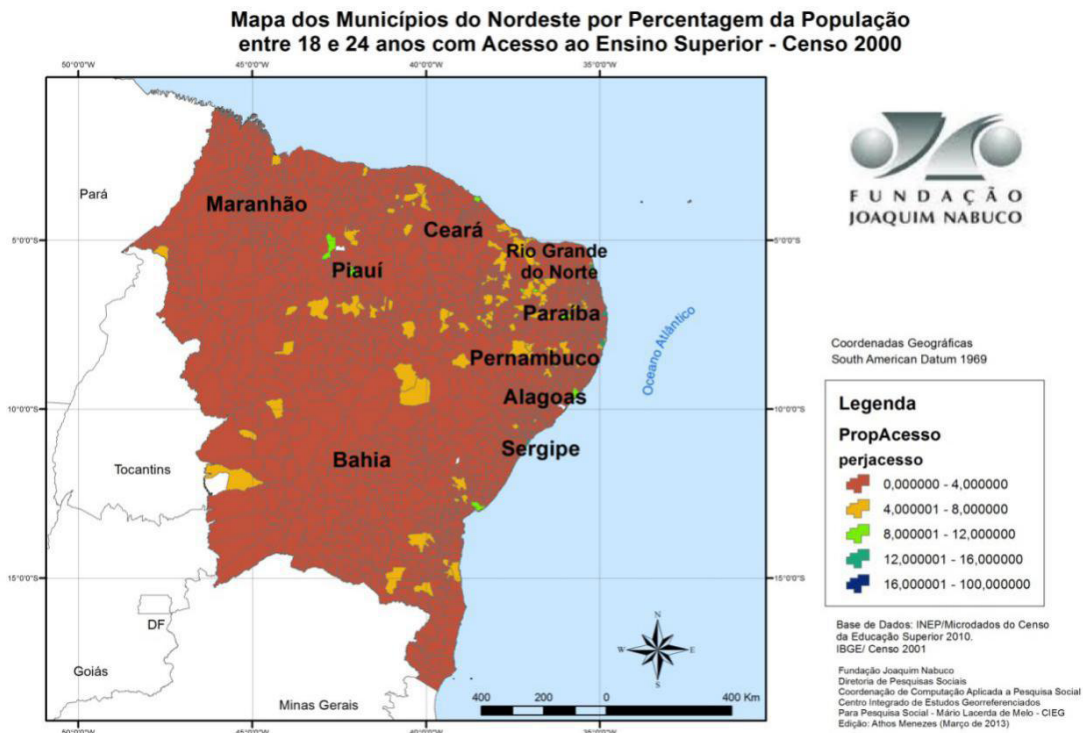
Foi nosso intuito detectar se as escolhas dos cursos realizados decorreram da seleção entre as opções ofertadas em cada *campus* ou se resultou de uma opção pelo gosto, refletindo, assim, a *escolha do possível*: pelas ofertas de cursos, pelas chances de aprovação ou como resultado do gosto, conduzindo à realização de um sonho. Almejamos saber se, antes de deter as condições de possibilidade de cursar uma universidade, estes indivíduos desejavam ingressar num curso superior ou se esse anseio surgiu após a implantação dos novos *campi*, identificando práticas distintivas desses jovens em seus espaços de estilo de vida como decorrência do capital cultural incorporado (BOURDIEU, 2007) durante o ensino superior.

O processo de interiorização das universidades no Brasil não é um processo recente. Já durante o período da ditadura militar de 1964, algumas universidades foram criadas em municípios do interior, a exemplo de Campina Grande, na Paraíba. Esse processo, porém, foi pontual e não prosseguiu nas décadas seguintes. Nos municípios do interior do Nordeste, até o ano 2000, a população de 18 a 24 anos tinha acesso reduzido ao ensino superior, concentrado nas capitais, conforme pode ser observado no Mapa 1 a seguir.

A mancha vermelha do Mapa 1 exhibe o baixo acesso de jovens ao ensino superior na região, com as pequenas marcas amarelas indicando um percentual de acesso à universidade pública de até 8% de jovens entre 18 e 24 anos. Conforme a legenda, concentrações superiores a este percentual são praticamente imperceptíveis e estão centralizadas nas grandes cidades e nas capitais. Com o passar dos anos, o cenário adquiriu outra configuração, a partir do governo Lula (2003-2011). A nova gestão do sistema de educação pública federal partiu da perspectiva de desenvolvimento social (BRASIL, 2009), e o processo de interiorização foi retomado dentro do discurso da redução das desigualdades sociais e regionais, alterando-se a disposição do acesso ao ensino superior e permitindo que indivíduos que sequer sonharam em ingressar numa universidade tivessem acesso a ela. Nesse período, estudantes com renda de até dois salários mínimos ingressaram em instituições instaladas nos municípios do interior. O Mapa 2 expõe a reconfiguração da admissão no ensino público superior no Nordeste:

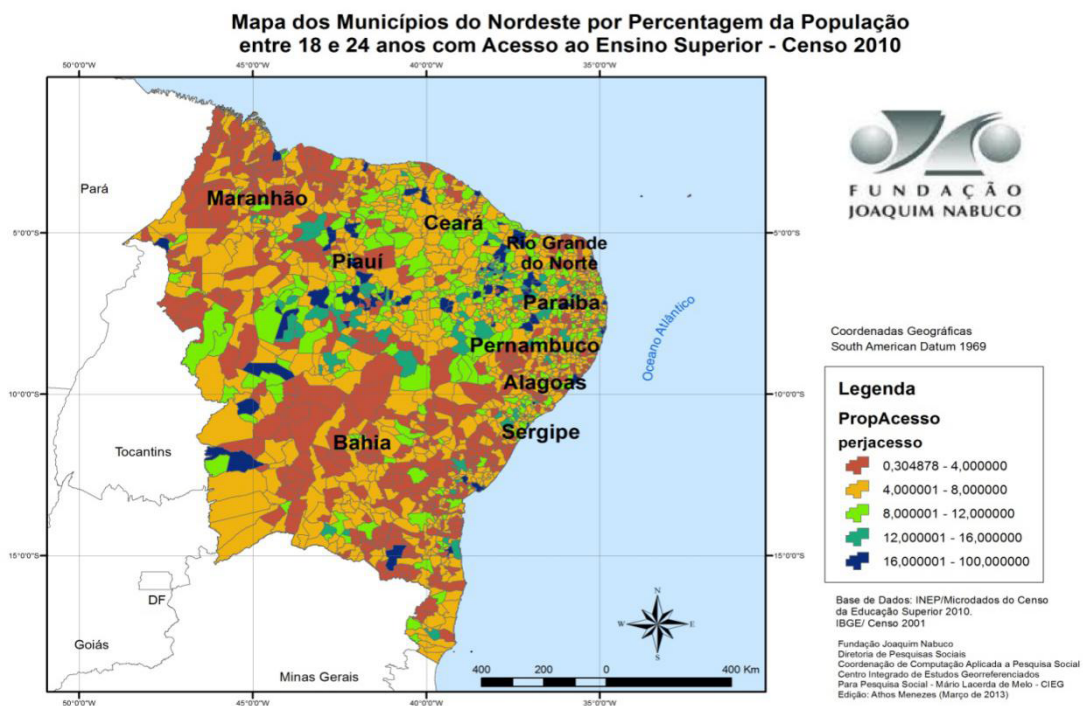
¹ Foram utilizados apenas os primeiros nomes dos estudantes entrevistados.

Mapa 1 - Concentração do ensino superior até os anos 2000 no Nordeste



FONTE: Centro de Georreferenciamento da Fundação Joaquim Nabuco, 2014.

Mapa 2 - Distribuição do acesso às universidades federais após 2010



FONTE: Centro de Georreferenciamento da Fundação Joaquim Nabuco, 2014.

O colorido do Mapa 2 mostra a nova constituição do acesso ao ensino superior no Nordeste. A cor azul indica o percentual mais elevado de ingresso de jovens entre 18 e 24 anos nas instituições de ensino público superior, na faixa acima dos 16%. O mapa multicolor exibe como o processo de interiorização começa a integrar o jovem à universidade pública, reduzindo a concentração nas grandes cidades, como realçava o mapa anterior. Esse fenômeno exigiu um estudo que fosse além dos dados estatísticos de concentração populacional, tentando entender a percepção dos indivíduos acerca desta nova configuração social.

O caso do jovem José é interessante. Ele viu o Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV) nascer: o prédio foi cedido pela prefeitura do município, em condições ainda precárias: *“Tudo veio depois[...]. Eu lembro que tinha o dinheiro para comprar os livros, mas não tinha a biblioteca, teve que fazer uma reforma. As outras coisas foram surgindo depois [...]. Eu tinha que ir ao Recife para buscar os livros, me nomearam representante de turma”*. Segundo ele, nem batas para as aulas eram vendidas na cidade, mas, nos anos seguintes à instalação do centro acadêmico, Vitória desenvolveu-se junto à universidade: *“A cidade está crescendo cada vez mais [...], agora tem até fábrica de fraldas”*.

A maioria dos alunos que passaram a ter acesso ao ensino superior pertence a classes populares, como José, Geneseli e David - que compõem o *corpus* desse artigo -, indicando que a política de interiorização das instituições federais de ensino superior (IFEs) tem alcançado seus objetivos de expansão do acesso à universidade. Isso não quer dizer que não houve problemas: a política vem acompanhada também de um processo de mudança que atinge a concepção do papel do Estado para a área. Essas ações mudam a compleição do sistema de educação superior ao priorizar o aumento de vagas nas instituições federais, desconcentrando a concorrência por vagas nas universidades. É importante frisar, entretanto, que nem todas as mudanças engendradas pelo fenômeno são perceptíveis de imediato, refletindo em impactos de longo prazo, muitos dos quais não são objeto desse artigo.

Observar uma mudança estrutural à escala individual

Analisar sociologicamente o plano individual é de certa maneira investigá-lo do ponto de vista coletivo, isto é, considerando a relação contínua entre diferentes escalas do social. Seguindo a lógica de Lahire (2005), um dispositivo metodológico desse tipo permite estudar as disposições sociais e o grau de heterogeneidade ou homogeneidade do patrimônio de disposições incorporadas. Embora Lahire estabeleça diferenças em relação a Bourdieu, parece-nos que o diálogo entre ambos nos oferece ferramentas iluminativas capazes de empreender uma análise sociológica das disposições e das condições da sua exteriorização.

Na lógica da sociologia em escala individual, escolhemos aplicar os questionários a três indivíduos. Desses, um passou para o segundo momento da pesquisa, com as entrevistas em profundidade feitas repetidas vezes com o mesmo jovem como forma de observá-lo em diferentes

contextos de práticas, tensionando e confirmando informações. Essas entrevistas funcionam como base de acesso aos dados sobre as condições de vida dos egressos, antes e após a conclusão do curso universitário, verificando a sua trajetória de vida, as condições familiares e sociais antes e após iniciar o curso superior, questionando qual o rendimento e qual o ramo de atuação após a aquisição do diploma, o que permite a comparação entre as condições atuais e as condições anteriores de existência. Assim, as enquetes mapearam elementos que, se combinados, apontam o caminho para a montagem do esquema de disposições desses indivíduos, cujo sentido torna-se completo ao se levar em consideração as relações entre o agente individual e a sociedade: família, escola, universidade e trabalho.

Para fazer uso dessa metodologia de pesquisa, é necessário entendermos o conceito de disposição, esclarecida por Bourdieu (2004) no conceito de *habitus*. As disposições seriam realidades pré-reflexivas interpretativamente apreensíveis ao analisar a trajetória do indivíduo, capaz de revelar a gênese das inclinações para agir como se age. As disposições, nesse sentido, não são entidades objetivas, mas se revelam por meio daquilo que produzem, isto é, das práticas sociais. Em Lahire (2005), o agente individual é visto não como detentor de um *habitus*, mas de um patrimônio de disposições plurais.

Oliveira (2013, p. 17) esclarece que “em função da complexidade das disposições, o pesquisador tem que fazer o entrecruzamento desse emaranhado de influências para que possa buscar as origens das variações que quer identificar e entender como se realizam inconscientemente”. À luz dessa combinação teórica, pretendeu-se aqui entender as disposições dos egressos dos cursos superiores das universidades do interior, buscando reconstruir o emaranhado de disposições, atento para o fato de que “o mais singular dos traços de uma pessoa só se pode compreender se reconstruirmos o ‘tecido de imbricações sociais’ na qual ela está inserida, e de que apreender os comportamentos de um indivíduo supõe a reconstrução dos desejos que ele tenta satisfazer.” (LAHIRE, 2005, p. 16).

Trabalhamos, portanto, com uma variação da escala de observação, através de uma apropriação da realidade que busca romper hábitos metodológicos rotineiros. “Se não quisermos voltar a sistemas da ilusão realista e, segundo Bourdieu, deslizar do modelo de realidade para a realidade do modelo, por vezes é preciso saber mudar de modelo.” (LAHIRE, 2004). Esse tipo de procedimento enquadra a inventividade metodológica, trazendo a “variação das escalas de observação”, gerando novas formas de conhecimento específicas. Esse método tem ainda como vantagem subordinar a análise do pesquisador ao indivíduo. Como partimos da sociologia reflexiva, o leitor pode ter a impressão de localizar o objeto por trás da sua construção (LAHIRE, 2004).

Dessa maneira, almejamos construir a trajetória de alguns egressos do ensino superior da IFEs criada após o processo de interiorização, com renda de até dois salários mínimos, provenientes de Vitória de Santo Antão. Vitória é um município da Zona da Mata de Pernambuco, localizado a 50 quilômetros do Recife e foi selecionado por apresentar um percentual alto de ingresso ao ensino superior de estudantes com renda de até dois salários mínimos, atendendo

ao nosso pressuposto. As trajetórias de vida foram reconstruídas para atingir os círculos de socialização dos indivíduos estudados e, no caso de David – considerado o período que vai da ausência do diploma à sua conquista –, para perceber em que medida a trajetória alterou as suas preferências materiais e simbólicas. Observamos como o acesso à universidade contribuiu para a atualização disposicional dos egressos, levando em conta os sentidos atribuídos à relação entre a universidade e a ascensão socioeconômica vivida.

Disposições, reprodução e capital cultural

Objetivando discutir a gênese dos conceitos de *habitus* e de campo, Bourdieu (2007, p. 61) buscou “pôr em evidência as capacidades criadoras, ativas e inventivas do *habitus*”. Para isso, chama a atenção para o fato de que esse poder gerador do *habitus* não é um poder universal: como o próprio nome indica, é algo adquirido. As observações feitas por ele à noção de *habitus* possuíam essas características, mas apenas implicitamente, não fazendo parte de um cálculo teórico, parecido com o que faz no início do texto: “parece-me, com efeito, que, em todos os casos, os utilizadores da palavra *habitus* se inspiravam numa intenção teórica próxima da minha, que era a de sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto.” (BOURDIEU, 2007, p. 62). Operacionalizando o conceito, o sociólogo francês percebe que às diferentes classes e frações de classe correspondem distintos estilos de vida, engendrados e reproduzidos, na prática, pela transmissão intergeracional das disposições sociais, isto é, o *habitus*.

Através do conceito de *habitus* como o conjunto de disposições para a prática, Bourdieu ajuda a entender a trajetória dos egressos de universidades públicas do interior. Tendo em vista que nossos objetivos estão situados na existência de práticas distintivas dos egressos em seus espaços de estilos de vida, nas escolhas feitas com relação aos cursos e na forma de tomada de decisão pelo ingresso na graduação, revela-se a importância da utilização do conceito de *habitus* como base para a análise das ações desses indivíduos. O *habitus*, nesse sentido, seria o modo como a sociedade se torna assentada nos atores na forma de disposições estáveis ou habilidades apreendidas e inclinações ordenadas que levam esses indivíduos à reflexão, à apreciação e à prática segundo condutas prescritas (WACQUANT, 2007).

A disposição dos indivíduos é fundamental como mola propulsora de suas histórias de vida (BOURDIEU, 2003, 2007). Essas disposições se conformam no *habitus* do indivíduo, resultado do processo de socialização que interfere na história individual e que o torna alguém, através de ritos de instituição e de processos sociais em seu contexto de existência: família, escola, igreja. Aqui, o rito observado é o ingresso no ensino superior. O curso universitário, ao despertar novas disposições nos indivíduos, estimula ações que indicam uma nova homologia entre suas novas posições no espaço social, as suas disposições e a formação do gosto. A questão do gosto, no caso deste estudo, buscou aferir se a escolha do curso decorreu de uma opção pessoal ou foi fruto da escolha do possível.

A opção de José, por exemplo, além de influenciada por um professor, foi marcada pela situação do Centro Acadêmico, que oferecia à época de seu ingresso apenas três cursos: Biologia, Administração e Enfermagem. Ele disse ter se identificado com Biologia. Quando entrou no ensino superior, o jovem se deu conta de que poderia ser professor universitário:

A princípio eu não pensava em ser professor universitário, eu só pensei nisso depois que eu entrei na universidade. Ser professor do município ou do Estado para mim já estava bom. Quando eu entrei, pensei: “eu posso ser professor da universidade, eu posso ser professor de pós-graduação”. Eu via um professor meu e pensava “poxa, eu posso estar no lugar dele, ser até melhor do que ele (risos)”.

É fundamental pensar sobre a definição de capital herdado e institucionalizado; no nosso caso, o capital cultural e escolar. As diferenças não explicadas, através da relação com o capital escolar e que estão intimamente ligadas com a origem social, desvendam-se na maneira como o capital cultural foi adquirido. Bourdieu (2012) explica que parte desse capital pode não ter recebido a sanção escolar. Em outras palavras, o modo de aquisição do capital cultural pode ocorrer de forma primária (na família) ou secundária (na escola) ou mesmo estar presente nos dois níveis. No caso do capital cultural legitimado pela escola, caso esteja congruente com o capital compartilhado pela família, será direta e facilmente reconhecido.

Tendo em vista a legitimação pela escola do capital adquirido através da família, é da escola o papel de legitimar e converter o capital cultural² herdado em capital escolar. Nesse caso, a escola não tem o monopólio da produção do capital cultural, fazendo uso do capital incorporado via familiar. As implicações disso residem no fato de que há uma conversão desigual do capital cultural herdado, já que a escola parte da suposição de que os alunos têm os mesmos níveis de aquisição de capital cultural na família. Assim, ao invés de nivelar os estudantes e legitimar equitativamente esse capital, a escola atua como se todos possuíssem a mesma carga herdada de capital. Como isso não reflete a realidade, a reprodução social das desigualdades prevalece com o aval do sistema escolar. Logo, estão imbricados nessa discussão os dois mercados produtores de capital cultural, a escola e a família.

A família e a escola, à luz da teoria bourdieusiana, são mercados produtores e legitimadores de capital cultural e ajudam a analisar quais as influências que as escolhas dos egressos das universidades do interior sofreram, com relação à escolha do curso e à permanência ou não em suas cidades de origem após a conclusão do ensino superior, influenciando diretamente na sua qualidade de vida, recorrendo à hipótese de que o sucesso escolar dos estudantes do interior de Pernambuco e a sua consequente melhoria de qualidade de vida decorre do processo de interiorização das universidades federais.

² É claro que o capital cultural existe em qualquer meio de socialização, mas nem todo capital cultural é reconhecido como tal pelas instituições legitimadoras, como a escola, e aceito como de valor a ser legitimado.

Tratamos também da questão do gosto, na tentativa de responder se a escolha pelo curso se deu em função das opções ofertadas em cada *campus*, se decorreu de uma opção pelo gosto ou da combinação de ambos. Analisamos ainda a perspectiva de mudança do gosto relativo aos bens culturais, em função do novo capital cultural adquirido ou do novo padrão socioeconômico. Os gostos que são realmente realizados dependem do estado do sistema de bens oferecidos. Ou seja, uma mudança no sistema de bens vai conseqüentemente acarretar transformações no sistema de gostos e os gostos, por conseqüência, vão acarretar mudanças na forma de ver o mundo (BOURDIEU, 2007). Conforme diz o sociólogo:

O gosto – sistema de classificação constituído pelos condicionamentos associados a uma condição situada em determinada posição no espaço das condições diferentes – rege as relações com o capital objetivado, com este mundo de objetos hierarquizados e hierarquizantes que contribuem para defini-lo, permitindo-lhe sua realização ao especificar-se (BOURDIEU, 2007, p. 216).

Ao pensarmos na interiorização das universidades federais como única forma de acesso ao ensino superior, pressupomos que alguns dos egressos não possuíam condições de cursar o ensino superior fora de sua cidade. Assim, a escolha por um curso está marcada pela inexistência anterior de oportunidade, ou seja, é a chamada escolha do possível, na qual a seleção de uma pessoa se configura como resultado de uma adaptação dos agentes às condições sociais objetivas, fruto do senso prático de sua posição no campo (BOURDIEU, 2004). Com o surgimento do novo condicionamento social, o gosto se constrói e se realiza, como diz José:

[...] o CAV foi uma porta para muita gente, eu acredito que se o CAV não existisse, muita gente estaria se matando em pré-vestibular para tentar entrar na capital ou em outro Estado. O CAV foi um divisor de águas no município e nas cidades vizinhas [...], como Limoeiro, Cumaru, Passira, Gravatá.

Ele lembra que estudantes da Bahia vieram fazer graduação em Vitória e fixaram residência no município: “tenho amigos de Palmares³, que fizeram a graduação aqui, trabalham aqui, casaram e tiveram filhos aqui. A interiorização é algo essencial para que o conhecimento não fique só na capital [...]. O interior está crescendo”.

Mas, em que medida a transmissão de capital cultural pelas famílias aos indivíduos por nós estudados influenciou na escolha realizada? Como estamos analisando as condições sociais e econômicas de indivíduos egressos das IFEs do interior e a sua influência na qualidade de vida, referimo-nos ainda a Lahire (2004), quando ele diz que para que uma moral do esforço possa ser transmitida são necessárias condições econômicas e existenciais específicas. Isso não implica,

3 Palmares fica na Zona da Mata sul de Pernambuco. O que o entrevistado salienta é que há estudantes tanto de cidades baianas como do município pernambucano de Palmares que se deslocaram para Vitória (PE) para ingressar na universidade.

no entanto, que haja um padrão: o mesmo capital, a mesma situação econômica pode ser gerida de diferentes maneiras. Vale salientar que não há um fator claro que determine o sucesso ou o fracasso educacional, pois “é importante estar atento a fenômenos de dupla coerção em alguns alunos: eles podem estar sendo submetidos a regimes disciplinares, familiar e escolar, diferentes ou opostos” (LAHIRE, 2004, p. 28).

Assim, as condições socioeconômicas podem não determinar o fracasso ou sucesso escolar, pois existem famílias de classes populares que não se rendem ao jargão *isso não é para nós*. Algumas delas dão importância ao bom comportamento com relação ao meio escolar, “de maneira que mesmo não conseguindo auxiliar seus filhos do ponto de vista escolar, tentam inculcar-lhes a capacidade de submeter-se à autoridade escolar” (LAHIRE, 2004, p. 25). José, por exemplo, conta que, embora a mãe não costumasse olhar seus cadernos ou perguntar sobre o andamento dos estudos, o pai acompanhava suas tarefas escolares.

Em virtude da dimensão qualitativa, nossos resultados não são generalizáveis em sua totalidade. Ao voltar-se a análise à escala individual lahireana neste artigo, debruçamo-nos sobre a heterogeneidade das experiências socializadoras do indivíduo e como se manifestam nele, o que conduz a observar como essas experiências determinam as ações em diferentes momentos da sua vida.

Sucesso Escolar, Sistema de Ensino e Diploma

A condição de sucesso e fracasso escolar é qualitativa e situada no tempo e no espaço. O sentido de sucesso e fracasso pode variar de acordo com a mudança das propriedades constitutivas de quem atribui o sentido à experiência considerada. Como diz Lahire:

Passar de ano na 2ª série nos anos 90 para um filho de operário não tem mesmo sentido que nos anos 60, *institucionalmente* (atrás da semelhança linguística aparente, fracassar no exame final do colegial “não tem nada a ver com fracassar na pré-escola”) e *socialmente* (o que é um “resultado brilhante” para uma família operária pode ser o “mínimo esperado” ou um “resultado decepcionante” para uma família burguesa) (LAHIRE, 2004, p. 54).

Ao abordar a questão do sucesso escolar, Lahire (2004) não define um fator que seja determinante na sua conquista. Ele diz ainda que cada pesquisador tende a universalizar um modelo de sucesso escolar e acaba esquecendo que há uma gama de fatores que podem influenciar o êxito (dimensão política, cultural, econômica etc.). Para isso, ele atenta para o fato de que há estilos de sucessos diferentes. Logo, é preciso salientar que existem condições que se destacam e que são de fundamental importância para entender o sucesso escolar, mais especificamente no nosso objeto de estudo: origem, meio e grupo social. Essas condições podem aqui fazer referência ao local de onde esses indivíduos vieram e a influência de sua origem e trajetória de vida na conclusão do ensino superior. Falar de origem remete à condição do capital cultural na vida desses egressos.

Bourdieu auxilia nesse ponto ao tratar dos três estados do capital cultural. Há uma relação direta do capital cultural com a desigualdade do desempenho escolar. A primeira forma de existência do capital cultural refere-se ao estado incorporado, ou seja, adquirido de maneira inconsciente, “é um ter que tornou-se ser, uma propriedade que se fez corpo, e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*. Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’, e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (BOURDIEU, 2012, p. 74). O estado objetivado, transmissível apenas em sua materialidade, é utilizado pelos agentes como forma de distinção, expostos intencionalmente para tanto. O estado institucionalizado refere-se à objetivação e legitimação desse capital através do diploma. Para Bourdieu (2012, p. 78), o diploma é uma “certidão de competência cultural, que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido, no que diz respeito à cultura”.

Com o aumento de vagas no ensino superior após a interiorização das universidades, há um aumento de diplomas no mercado, de maneira que os recém-formados são levados a buscar formas de superar essa inflação, recorrendo a elementos de distinção. Conforme diz Bourdieu, o diploma acaba por universalizar o trabalhador, transformando-o num trabalhador com competência para atuar em todos os mercados. Entretanto, com essa inflação, o que se percebe é que há uma desvalorização do diploma e uma consequente autonomia do mercado de trabalho, e para resolver isso os jovens buscam na pós-graduação outras instâncias de consagração do estado institucionalizado do capital adquirido na universidade.

Questionamos os egressos quanto às dificuldades em encontrar emprego e se o fato de serem portadores de diploma de nível superior foi percebida como diferencial, ou seja, constituiu-se em capital cultural institucionalizado. Assim, o sentido atribuído ao sucesso, em oposição ao fracasso, é variável. O mesmo vale para qualidade de vida que, embora deva atender a critérios socioeconômicos, previstos em estudos sobre desenvolvimento humano, também deve ser observado a partir do sentido atribuído pelos entrevistados às condições socioeconômicas alcançadas após o término da graduação, identificando um patamar de capital cultural objetivado.

Ao mesmo tempo em que verificamos a influência do acesso ao ensino superior nas condições de vida dos indivíduos, observamos práticas distintas que podem ser identificadas entre os que concluíram a graduação para se distanciar no espaço dos estilos de vida daqueles que não obtiveram o diploma universitário, mais uma vez revelando o estado objetivado do capital cultural incorporado na universidade. Estas ações ocorreram nos espaços sociais e são consideradas reflexos do acesso à educação, que geram refinamento dos estilos de vida. José, por exemplo, afirma ter estudado para ser *alguém na vida* e a conclusão do curso superior foi fundamental na percepção desse sentido. Ele diz: “o estudo abre portas”. Para o jovem, a admissão no mestrado deu o aval para o ingresso no mercado de trabalho, agregando valor ao seu diploma. De sua turma de graduação, metade já cursou o mestrado.

A Reconstrução das Trajetórias de Vida

Obedecendo aos critérios estabelecidos, foram selecionados três egressos dos cursos superiores do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão, todos com renda familiar de até dois salários mínimos. Os cursos que eles concluíram foram Enfermagem, Nutrição e Ciências Biológicas. Os jovens são das primeiras turmas do CAV, que iniciou suas atividades em 2006. As entrevistas foram feitas entre abril e maio de 2014, no centro acadêmico.

Os caminhos de dois jovens do interior

José se considera estudioso desde a infância. Nascido em Vitória de Santo Antão, filho de uma professora e um vigilante, estudou em escola pública até o 2º ano do ensino médio. No 3º ano, ingressou em uma escola particular, em busca de melhor preparo. “*Naquela época, o pessoal dizia que eu era inteligente, mas só estudava uma semana antes de fazer as provas. [...] Eu não tinha o hábito de estar lendo [...], nem jornal tinha, era só televisão*”. Apesar da mãe professora, José não teve seu incentivo nos estudos, não tendo recebido na medida possível o capital cultural familiar disponível. Ele contava apenas com o pai que em suas horas vagas ajudava o filho nas tarefas de matemática.

O jovem realça, porém, que sempre teve interesse em estudar e isso se apresentou mais fortemente após a entrada numa escola particular, onde diz ter sido colocado à prova, tendo em vista que na escola pública não havia exigência efetiva do corpo docente. Como dispõe Lahire (2004), a personalidade e o raciocínio da criança não podem ser compreendidos fora das suas relações sociais. Os indivíduos, apesar de basearem suas ações na família, não reproduzem necessariamente de maneira direta suas ações, ou seja, não são apenas fruto do capital cultural herdado. Na escola, a conversão do capital cultural em nível secundário pode fazer a diferença, como fez com José.

Ainda que ele argumente que na escola fundamental e média não tenha havido grande intervenção dos docentes no seu cotidiano escolar, José destaca que “*todo professor marca sua vida de alguma maneira*”. Nesse sentido, o jovem ressalta o papel do professor de Biologia, o que explica a escolha do curso superior, Ciências Biológicas, embora tenha tentado seu primeiro vestibular para Administração: “*a maneira como ele [o professor de Biologia] dava aula era diferenciada*”. Na família de José, apenas alguns primos e ele fizeram uma graduação. Apesar disso, diz que seus pais ficaram um pouco frustrados com a sua reprovação no primeiro vestibular, o que fez com que se empenhasse numa segunda tentativa.

Na universidade, a turma de José tinha 60 alunos, dos quais apenas cinco eram de classe média alta, o que aponta os frutos do processo de expansão das universidades públicas no interior ao atrair estudantes de Vitória e dos municípios do entorno e promover a mudança de condicionamento dos jovens numa nova escolha do possível (BOURDIEU, 2004). Primeiro da

família a cursar o mestrado, o jovem afirma que a sua família o apoia, e salienta: “*agora, só falta eu fazer a minha parte*”. A conclusão da graduação foi a realização de um sonho, que proporcionou uma evidente melhora na qualidade de vida de José, definida por ele como *realização pessoal*, numa objetivação do capital cultural incorporado. Em 2015, o jovem cursava o Mestrado em Educação na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Lá, não se sentiu vítima de preconceito, uma vez que grande parte de seus colegas era proveniente do interior.

José destaca o estímulo dos docentes da universidade para que a vida de todos os estudantes mudasse a partir do ensino superior: “*Eu percebia o engajamento deles. Eles incentivavam a gente a pesquisar, a participar de eventos [...]. Os professores gostavam mesmo que a gente crescesse. Eles ficavam felizes com o crescimento da gente*”. José permaneceu em Vitória e quer poder ajudar as pessoas da sua cidade a ingressar numa universidade. Ele ressalta:

Sempre tivemos apoio para as atividades de campo, tivemos apoio para fazer a divulgação das pesquisas. Para os alunos que se enquadravam nas exigências, há bolsas de manutenção acadêmica, iniciação científica, para fazer cursos de idiomas, para comprar livros, bolsa para alimentação⁴.

A conclusão da graduação e o avanço para a pós-graduação mostrou um futuro que não imaginava possível: “*A gente traça sonhos, metas. Foi uma realização. Ter um diploma de uma faculdade pública foi um salto*”. Dizendo-se mais valorizado, José lembra que, antes, não se achava capaz muitas vezes: “*Ficamos até um pouco ambiciosos, posso fazer melhor, complementar. Por isso, recorri ao mestrado em Educação para o ensino de ciências*”. Com colegas fazendo pesquisas em outros Estados, José credita aos docentes parte do mérito, o que aponta mais uma vez a incorporação do capital cultural em nível secundário. Na universidade, ouviu de um professor: “*se una a pessoas inteligentes!*”. Ele acrescenta:

Quando a gente entra aqui, acha que vai ter emprego garantido, mas isso só acontece para quem se dedica. O diferencial foi os professores sempre estarem incentivando. Superou as minhas expectativas, mas foi uma época difícil.

Em sua trajetória pós-diploma, o jovem espera a realização profissional, não apenas “ganhar muito dinheiro”. José acredita que mais à frente irá colher os frutos. Ele já vem sendo convidado para dar aulas em faculdades particulares: “*Qualidade de vida é realização pessoal, fazendo o que gosta, realizando metas que tracei. Acredito que tenho boa qualidade de vida, mesmo sendo de classe média baixa*”. Mais uma vez se evidencia o capital cultural que, incorporado

⁴ À época da entrevista, essa era a realidade da pesquisa no Brasil. Em 2018, O Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (Capes) divulgou nota informando que o corte no orçamento determinado pelo governo federal deveria resultar na suspensão do pagamento de bolsas de pós-graduação e de formação de docentes a partir de 2019. Também o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) alertou sobre o possível corte de bolsas em 2019.

em segundo nível – já na universidade – agora sinaliza para as suas formas objetivada e institucionalizada.

Em termos de consumo cultural, embora afirme ter adquirido novos interesses após ingressar no ensino superior e ter visto, por exemplo, o filme *Psicose*⁵ pela primeira vez em um cineclube de Vitória depois de se tornar universitário, José não considera que a mudança tenha sido muito grande, a ponto de distanciar-se do seu capital cultural de origem: *“Meu tempo ficou cada vez menor depois de entrar na universidade, tem tanta coisa para fazer!”*. Ainda que ele minimize as mudanças em suas atividades culturais, ele diz ter crescido ao seu cotidiano práticas como frequentar cinema, teatro e museu, ou seja, ter incorporado práticas objetivas do capital cultural validado nas instâncias legitimadoras. O jovem afirma que isso se deu em decorrência do aumento da renda, proveniente das bolsas de iniciação científica e de mestrado, que contribuíram para a mudança na sua qualidade de vida.

A estudante Geneseli também fez parte de uma das primeiras turmas do CAV e havia concluído o curso de Nutrição pouco tempo antes da entrevista. Nascida em Vitória, ela estudou em escola particular do interior, embora se enquadrasse no perfil de classe popular. A jovem e uma prima foram as primeiras a ingressar numa universidade na família, ou seja, as primeiras da família a sentir o impacto da política no meio social. No tempo de escola, seus pais, com ensino médio completo, sempre a incentivavam a estudar, revelando o processo de herança do capital cultural familiar.

No dia a dia, Geneseli recebia a ajuda do pai, pois a mãe trabalhava o dia todo. Também como José, o papel da família no processo foi definidor de sua trajetória de vida. Adentrar no ensino superior não foi uma grande surpresa, com a instalação da universidade no interior: Geneseli era nova, 16 anos, quando passou no vestibular. Estudiosa, não surpreendeu seus pais ao ser aprovada. *“Na minha família eu fui a primeira [a entrar na universidade], minha mãe sempre muito orgulhosa”*. Seus pais têm orgulho de seu ingresso no ensino superior. Em seguida a ela, seus amigos na mesma faixa etária ingressaram na universidade, o que realça a adaptação dos agentes às condições sociais objetivas revelada por Bourdieu (2004). O mesmo ocorreu com José, que destaca que todos os colegas de infância que moram na mesma rua em Vitória, no bairro de Cajá, estão formados. *“Todos estão trabalhando na área, alguns no mestrado ou doutorado. Isso é bem bacana. E só um deles fez faculdade particular, os outros foram da [universidade] federal”*. Esses relatos dimensionam a nova configuração no perfil dos jovens no município e as mudanças nos estilos de vida.

Mesmo com amigos de infância que cursaram o ensino superior, Geneseli afirma que tem encontros mais casuais com eles após o ingresso na universidade. Com os estudos, sobra pouco tempo para esses compromissos. Em termos de consumo cultural, ela diz que antes de começar a estudar não tinha acesso frequente aos bens culturais e que isso se deu depois da sua entrada na graduação, anunciando o papel da universidade na nova conformação do seu capital cultural de origem:

5 Filme de Alfred Hitchcock de 1960.

Antes da faculdade, eu não frequentava muito cinema, o que eu mais frequentava era show, onde tivesse eu ia. Comecei a gostar mais de cinema, eu não conhecia muito, mas agora eu conheço mais, aí eu tô gostando muito de cinema, de teatro também, assisto mais filme, faço questão de ir pra lugares onde tenham essas coisas.

A jovem reconhece as mudanças de gosto, que foi ampliado com o interesse por cinema e teatro. Assim como o gênero dos filmes, o gosto por música foi aprimorado e aprofundado em virtude do círculo de amizade construído na universidade. Passou a se interessar por filmes mais realistas e, no caso da música, afirma ter refinado seu estilo, naquilo que podemos chamar de capital cultural adquirido e legitimado pelo capital escolar. Entre suas realizações após o ingresso na graduação, estão conhecer novos lugares e tocar um instrumento musical, o violão. Geneseli se engajou em programas de monitoria e bolsas na universidade, o que lhe proporcionou recursos para participar de atividades culturais.

Diferentemente de José, a jovem, por ter estudado em escola particular, já no ensino médio obteve informações sobre o acesso à universidade. Apesar disso, não houve pressão familiar sobre ela, já que ninguém em sua casa possuía ensino superior. Não havia expectativa sobre o seu ingresso ou a sua escolha de curso. Ela destaca que o processo de interiorização das universidades foi determinante no sentido de poder estudar no lugar onde mora, oportunidade que antes não havia para quem não podia se mudar para a capital para estudar. Mesmo apontando as mudanças, ela fala de dificuldades no mercado de trabalho após a conclusão do curso, embora haja reconhecimento por ter diploma de uma universidade federal. Geneseli salienta a relevância do esforço contínuo para conseguir um emprego melhor.

A jovem estudou com muitos alunos de classe popular, o que parece reiterar, conforme demonstrado comparativamente nos Mapas 1 e 2, que o acesso ao ensino superior vem se universalizando, como também foi pontuado por José. Para Geneseli, a interiorização proporcionou uma redução de gastos para os jovens que desejam cursar a universidade, promovendo uma nova condição às suas possibilidades de escolha. Ela salienta não ser vítima de preconceito por estudar no interior, pois o CAV já é uma referência de ensino fora do Estado de Pernambuco, com muitos egressos aprovados em cursos de pós-graduação e empregados em suas áreas de estudo. Geneseli realça com relação à universidade:

O que a gente espera é ter acesso a um emprego, se qualificar para ter um emprego melhor. Quando sai, a gente percebe que tem que fazer outras coisas para conseguir isso. É um esforço contínuo, tem que estar sempre se superando.

As mudanças emergem em questões simples, como poder fazer o que gosta com conforto, conciliando atividades, e isso envolve transporte, moradia, saúde. Geneseli percebe mudanças financeiras após ingressar na universidade, o que lhe permite proporcionar a si mesma coisas que antes não poderia. Ela pretende procurar emprego no Recife, porque considera que há mais

oportunidades na capital, podendo deixar de residir em Vitória. A família torce por seu êxito, mas não a pressiona: “*eu me sinto mais preparada para enfrentar o mercado, a gente amadurece e percebe que pode fazer várias coisas ao mesmo tempo*”.

O percurso de Doutor David

Lahire (2005) nos coloca uma questão muito importante: onde e como apreender o social? Em seu pensamento, indaga se as questões do indivíduo em sociedade seriam objetos de estudo dos sociólogos e as questões individuais mais pertinentes aos psicólogos, médicos etc. Lahire traz como aporte à sua análise do objeto a reflexividade, submetendo a análise sociológica à análise do entrevistado, concedendo uma independência maior a ele sobre a sua própria trajetória. Estudar o social individualmente é enxergar a realidade social de maneira incorporada (LAHIRE, 2005), o que nos leva a analisar e ter contato com lógicas sociais individualizadas, colocando como foco as disposições que em conjunto formam o *habitus*.

David é outro jovem que nos contou sua história e que nos permitiu observar as incorporações individualizadas – o *habitus* se fazendo corpo – após o processo de interiorização das universidades. Diferentemente dos outros dois estudantes, ele não é de Vitória: fez o movimento inverso ao ir para o interior estudar. Mudou-se para lá quando iniciou o curso superior de Enfermagem, em 2006. David foi criado pela mãe e pela avó, sem a presença do pai, junto com o irmão mais novo. Morava numa casa simples e sua família tinha como renda apenas o salário da mãe:

Eu morei em periferia, no Alto Santa Terezinha. A infância pobre, mas não tão pobre de passar fome, as condições precárias pra estudo foi o que marcou. Mas não chegou a ser uma coisa tão impactante não, mas marcou. Meus estudos foram todos lá no Recife, em escola pública.

Proveniente de classe popular, com uma infância pobre, David se recorda das condições precárias para estudo e, apesar de ter sido uma etapa difícil, foi bem vivida no bairro em que morava. Ele estudou em escola pública no Recife durante o ensino fundamental e médio. Pai ausente, não contou com a sua presença na formação de seu capital cultural de origem. A avó foi a pessoa mais próxima, muito cuidadosa e presente; era analfabeta, enquanto a mãe tinha apenas o ensino fundamental.

Enquanto sua mãe trabalhava, a avó cuidava dele e do irmão. Ele afirma que a avó fazia questão de levá-los à escola. Segundo David, ela estava sempre atenta aos netos, com receio que pudessem “cair” na criminalidade, como ocorreu com seu tio, que foi assassinado. Mas ele e o irmão surpreenderam: ambos ingressaram na universidade. Foram os primeiros a entrar no ensino superior, o que já os tornava diferentes de outros membros da família: “*Isso alegrou a minha mãe, mas ela não tinha a dimensão do impacto disso na família, e minha avó não entendia*

tanto". A configuração familiar precária com relação à educação formal tornou a sua entrada na universidade pública uma surpresa para a família, o que permite mensurar o salto entre o capital cultural herdado e o adquirido de forma secundária:

Meu irmão fez Educação Física e eu fiz Enfermagem. Mas a gente não conhecia ensino superior, só ouvia falar em faculdade. No terceiro ano, a gente não tinha muito essa vivência em casa, mas a possibilidade só de fazer um curso superior como os primeiros da família alegrava muito, né? Até hoje, não tinha dimensão da importância e do impacto de um curso superior na vida de uma família. Mas ela [a mãe] não tinha dimensão, mas sabia da importância, porque ela trabalhava com um dentista, então ela sabia a importância de um curso superior. Ela queria muito que a gente tivesse o que ela não teve, que foi o estudo.

O ingresso na universidade foi um marco na vida da família do jovem e em sua comunidade, sinalizando o efeito da interiorização nas condições de existência dos indivíduos pesquisados. Como cursava Enfermagem e estagiava em hospitais, David estava sempre de branco, o que fez com que as pessoas da vizinhança passassem a chamá-lo de "doutor David", estimuladas inclusive pela mãe e pela avó:

Como eu vivia muito no hospital, aí todo mundo dizia: "É doutor, é doutor", sendo da área de saúde, né? Todo mundo conhece e diz que é doutor. E aí ela ficou muito feliz pela perspectiva que eu tinha de ter um salário melhor do que o dela, que ela sempre foi assalariada. Aí, depois que eu saí da universidade pra ela foi um sonho, ela nunca tinha formado um filho, quando eu entrei com a minha avó no teatro da Federal, minha avó tinha 89 anos. Minha mãe disse nesse dia: "Agora, já posso morrer".

Com filhos criados em periferia e sem gerar expectativas, tê-los formados numa universidade pública encheu a sua mãe de orgulho. Para ela, David é um "doutor" e sua perspectiva é de que seus filhos tenham uma vida melhor. O sonho do jovem era ser professor e por isso seguiu para a pós-graduação: "*Minha mãe perguntou como eu iria me manter. Eu disse: 'Fique tranquila, existem bolsas e eu não vou morrer de fome'*".

Mesmo com o processo de expansão das universidades federais, grande parte dos estudantes que cursam o ensino superior na área de saúde pertence à classe alta, alunos de escolas particulares. "*A visão deles ainda é de preconceito, que com o tempo você vai quebrando, mas a maioria não nos vê do mesmo jeito no começo*". Como as bolsas de pesquisa eram a única forma de se sustentar em Vitória, David trazia comida de casa para a universidade até obter uma bolsa. O jovem concluiu o mestrado e, durante o doutorado, desenvolveu seu projeto de pesquisa também em Vitória. Mas David nem sempre foi muito estudioso. Houve um divisor de águas na sua vida, quando estava no 2º ano do ensino médio:

Eu lembro que no 2º ano minha mãe foi pra uma reunião de pais e mestres e das nove matérias, eu tinha ficado na final em oito. E aí os professores falavam: "Olha, teu filho não quer nada, ele que puxa as brigas". E aí minha mãe saiu, eu tava com meus amigos

e ela disse: “Olha, hoje você me fez vergonha. Eu não tive estudo, mas faço de tudo pra que você estude e você está jogando tudo fora. Eu saí da sala dos professores com vergonha, eu nunca queria ter passado por isso.” Eu baixei a cabeça, pedi desculpas a ela, e disse: “Eu vou melhorar, mãe.” Aí ela disse: “Espero que você melhore, porque pior do que isso só se você for preso. Seu tio já foi dessa vida e você tá indo no mesmo caminho”. Aí eu falei: “A partir de hoje a senhora nunca mais vai ter vergonha de mim, a senhora vai ter orgulho”. Ela disse: “Eu espero”. “Minha postura vai mudar a partir de hoje”. E aí foi pra mim um divisor de águas. Ela leva isso pro resto da vida, consegui passar no outro ano, já voltei no terceiro ano fazendo dois pré-vestibulares, então minha vida mudou totalmente.

Como salienta Lahire (2004), os pais tentam inculcar nos filhos a capacidade de submeter-se à autoridade escolar, e foi o que aconteceu com David. Esse episódio mudou o seu comportamento, ele passou a se dedicar aos estudos. Na expectativa de estudar numa instituição federal de ensino superior, tentou vestibular seis vezes, três na Universidade de Pernambuco e três na Universidade Federal de Pernambuco, mas não conseguiu. Na metade de 2006, porém, o *Campus* de Vitória foi aberto. Ele, incentivado por um professor, fez a inscrição e passou: “*Minha mãe é bestinha, aonde ela chega, ela fala, porque teve dois filhos criados em periferia sem pai, apenas com a avó e os dois entraram na universidade, então pra ela não tem preço*”. A escolha pelo curso de Enfermagem se deu, segundo David, por se considerar muito comunicativo e gostar de ajudar as pessoas:

Na área de saúde o médico vai lá, mas quem passa 24 horas com o paciente é o enfermeiro, e aí eu pensei quem faz esse trabalho é o enfermeiro. O profissional que eu quero ser é aquele que se comunica com o paciente, o que para ele não é o papel do médico, e sim do enfermeiro. Muitos fazem medicina pelo dinheiro, e no hospital há muitos profissionais desumanizados.

Com a intenção de formar alunos, seguiu para a área acadêmica: “*amo sala de aula, não vivo sem a sala de aula*”. Ele preferiu contribuir para formar opinião como educador e por isso decidiu não seguir a carreira hospitalar: “*eu quero ser um formador de opinião, vou poder dar mais como professor do que dentro de um hospital que tem uma estrutura já montada. É melhor eu formar um aluno, que seja um aluno diferenciado*”. David permanece morando em Vitória. Ele fixou residência no município, pois ficava cansativo ir e voltar todos os dias para o Recife, o que foi apenas parte de muitas dificuldades que enfrentou:

Mas acho que a maior dificuldade é financeira, a universidade de início não cedia bolsas. Então, pra se manter era bastante complicado, minha mãe não tinha condições, meu pai pouco ajudava, minha avó também, então eu tinha que trazer toda comida do Recife pra cá, isso pra mim era muito custoso, fora o cansaço.

O jovem visa ajudar amigos que desejem cursar uma universidade e já oferece sua cota de contribuição: ele dá aulas no Cavest, um curso pré-vestibular gratuito do CAV exclusivamente

para alunos de escola pública, um dos que mais aprova em todas as áreas da universidade. David não deixa os alunos do pré-vestibular desistirem, e diz a eles: *“tu tá pensando que foi fácil? Eu reprovei seis vezes antes de entrar na universidade”*. Segundo ele, os alunos acreditam nele porque vivem a mesma realidade. David fala com orgulho das suas aulas voluntárias e da quantidade de alunos aprovados no vestibular:

Eu precisei muito disso e não posso me esquecer. Meu sonho é montar um desse na minha comunidade. Educação é uma libertação, independente do que você vai ganhar. [...] O Cavest é um pré-vestibular fundado aqui na universidade, em 2007. Eu fui um dos fundadores, dou aula até hoje, e ele é exclusivamente para alunos de escola pública, são professores alunos, que recebem bolsa para colocar os alunos de escola pública pra fazer universidade. Hoje a Federal tem 15 pré-acadêmicos, se não me engano, e mesmo em unidade menor, ele é um dos pré-vestibulares que mais aprova na universidade, e é o projeto de extensão mais importante daqui do centro de Vitória.

Ele julga de forma positiva o projeto de interiorização. Apesar do centro ter começado muito precariamente, a existência do *campus* no interior ajudou muitas pessoas, pois a maioria não teria condições de disputar uma vaga e se manter na capital para fazer graduação. Nesse sentido, a presença da universidade no interior conduziu os jovens às novas condições sociais objetivas (BOURDIEU, 2004):

Isso foi extremamente importante, na minha turma tinha duas alunas aqui de Vitoria, o resto era de fora, por quê? Porque a galera não tinha conhecimento pra entrar, mas com o tempo isso foi mudando. Vamos estudar, a universidade tá aqui!

Ainda ressaltando a relevância da interiorização das universidades, David afirma:

É através da educação que a gente pode chegar bem mais longe. Quando cheguei aqui, o campus não tinha estrutura nenhuma, mas o projeto chegou. Os impactos foram importantes, quando chega o conhecimento, mais pra frente chega o desenvolvimento. As pessoas dos municípios circunvizinhos agora têm condições de estudar. O impacto foi muito grande, é importante dar a oportunidade para pessoas que nunca iriam fazer uma universidade. A interiorização cumpriu sim o seu objetivo.

De acordo com ele, o preconceito por ter a formação feita no interior existe em virtude da disputa por espaço no campo profissional, antes restrita a um grupo de jovens de classe média e alta. Entretanto, o tempo, segundo David, está mostrando que a educação superior fora das capitais pode ser de qualidade. *“Hoje a gente consegue disputar vaga de residência com qualquer aluno de outra universidade. E tem um peso diferenciado porque, mesmo do interior, somos de uma federal”*. À época da entrevista, ele estava com um amigo na Universidade de São Paulo (USP) fazendo doutorado.

O *Habitus*, o Gosto e a Reprodução Cultural: as Mudanças na Vida de David

Na trajetória de vida de David, foi possível identificar diversos pontos que nos conduzem a uma resposta mais profunda com relação aos objetivos propostos neste artigo. Como diz Bourdieu, “o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas.” (BOURDIEU, 2007, p. 162).

David nasceu e cresceu na periferia do Recife e fica claro que seu conjunto de disposições está intimamente ligado ao lugar. Ele, por vezes, fala do seu círculo de amigos, expressando apego e admiração pelo lugar onde morava, expressa orgulho de lá e diz que quer poder ajudar as pessoas que desejem ingressar no ensino superior. Apesar do pouco tempo disponível agora, devido à ocupação das atividades acadêmicas, David procura sempre dar atenção quando volta à casa de sua mãe:

Quando eu volto pra lá no final de semana não deixo de falar com nenhum deles, mas a realidade da gente é outra, eu tenho outra dinâmica, outros propósitos, outras responsabilidades. Não deixaram de me ver, mas a vivência não é a mesma.

Um novo princípio gerador de práticas foi produzido no ambiente acadêmico, expresso objetivamente nos gostos. No meio em que vivia antes da universidade, David diz que as pessoas não tinham o que qualifica como conhecimento cultural refinado, ou seja, capital cultural legitimado, e somente passou a ter contato com várias atividades culturais com o ingresso na graduação. Para ele, a influência foi determinante: começou a ler a partir daí e não mais parou: “*vou em livrarias e vivo comprando livro. Tem alguns no plástico, mas um dia eu vou ler*”. David acha, porém, que ainda não tem o gosto cultural apurado com relação a museus e teatro: “*não faço tanto, mas já frequento*”.

Nos estudos de Bourdieu e Darbel (BOURDIEU; DARBEL, 2003) acerca de frequência a museus de arte na Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia, a conclusão foi de que “a frequência aos museus – que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado – corresponde a um modo de ser quase exclusivo das classes cultas” (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p. 37). Nesse sentido, percebemos o gosto por museu e teatro mais como um *habitus* de classe e de frações de classe do que de região, classe aqui considerando o nível de instrução como proposto pelos autores, exatamente como consideramos neste artigo e que é confirmado por Botelho e Fiore (2004) quando destacam que há certa conformidade na vida cultural em diversos países quando há similaridade entre escolaridade, renda e faixa etária.

Desse modo, a permanência no ambiente universitário pelos jovens entrevistados contribuiu para o acesso minimamente democratizado do conhecimento da arte em geral, em virtude de inúmeras ações de extensão a que os graduandos são expostos de forma regular - nos

espaços alternativos, auditórios, bibliotecas etc. Em certa medida, essas práticas podem fomentar a formação de um *habitus* cultural capaz de induzir o gosto pela arte, por ser a universidade, assim como a escola, um local singular de transmissão de conhecimento (BOTELHO; FIORE, 2004).

David foi criado na perspectiva do capital cultural de sua comunidade, e com relação a isso ele não vê nenhum problema. O círculo de antigos amigos faz parte da sua existência e o jovem não deixa de ouvir músicas de pagode ou brega, mas soma esse gosto à sua nova realidade. Ele identifica que suas práticas adquiriram alguma diferenciação: “*já sei criticar o que é uma música de qualidade, o que é mais popular, o que é uma música mais erudita. Eu não deixo de escutar pagode, brega, o que tem na minha realidade de lá, mas aí eu adiciono minha realidade de cá, que é totalmente diferente*”.

Para Bourdieu (2007, p. 163), diferentes condições de existência produzem *habitus* diversificados. Consequentemente, os estilos de vida são resultado desse *habitus*, que acabam por transformar-se em novos esquemas sociais. “O *habitus*, enquanto disposição geral e transponível realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem”. Esse ir e vir de práticas culturais dos estudantes mostra essa transposição entre o capital de origem e o capital adquirido com o acesso ao ensino superior.

A entrada de David na universidade representa muito mais do que um acréscimo de disposições. A desigualdade de oportunidades sempre esteve presente na vida da sua família. Sua avó, analfabeta, dedicou-se a criar filhos e netos; sua mãe, assalariada, trabalhava em um consultório odontológico. Ambas tiveram dificuldades para sustentar a família. Essa desigualdade se expressa de certa forma no seu histórico escolar. Diferentemente dos alunos de classes média e alta, a entrada no ensino superior não era óbvia e orientada pela escola. Ele não tinha informação do significado do ensino superior. Além do capital econômico, estava ausente o capital cultural, o que tornava mais difícil o acesso às informações a respeito.

Até o momento de escolher ingressar na universidade e se submeter ao vestibular, houve uma série de acontecimentos na vida de David. As queixas feitas por um professor à sua mãe durante o ensino médio marcaram a mudança: envergonhado, mudou de postura frente aos estudos. O vestibular foi um desafio que foi se fortalecendo a cada uma das seis tentativas que fez e que se concretizou em 2006, com a instalação do novo *campus* de Vitória:

Na metade do ano abriu o Campus de Vitória. Era um campus novo e eu não conhecia a cidade, e um professor falou: ‘David, não é longe, tem ônibus, vai embora. Vale a pena, desenrola’. Fiz a inscrição no último dia. Fiz a prova, passei e vim pra cá.

O interessante é notar como essa questão se liga ao que Lahire propõe, quando diz que “as causas do fracasso ou do sucesso escolar são eminentemente sociais e a família está no centro

dos problemas”, conforme consta em entrevista na Revista Educação (MÜZELL, 2012, p. 1). Por esses problemas se caracterizarem como sociais, eles não se reduzem somente às características do meio familiar. Apesar das dificuldades que encontrou, podemos dizer que David teve apoio da mãe e da avó que, apesar da pouca formação escolar, sempre incentivaram o rapaz a procurar os melhores caminhos. O estímulo do professor, que o incentivou a prestar o vestibular, foi fundamental. Como Lahire destaca, às vezes a família não é formada apenas por pais e filhos, mas outras pessoas que podem, de certa maneira, acabar influenciando na escolarização da criança.

A trajetória de David se inicia em sua posição de classe popular, como ele mesmo classifica o período anterior ao ingresso na universidade. Até ele iniciar os estudos no CAV, nenhum membro de sua família havia adentrado no ensino superior, e só a perspectiva de cursar uma graduação já era um diferencial. David conta que já sofreu preconceito em sala de aula por ser de classe popular, barreira que teve que enfrentar, além das já percorridas quando do seu caminho até o ensino superior. O preconceito vai além e chega ao preconceito de cor, coisa que David informa ter superado:

Com o tempo você vai quebrando o preconceito, mas que as pessoas não veem você do mesmo jeito que veem outras pessoas, não veem. E ainda é assim, né? Querendo ou não, tem a preferência de cor, mas a maioria das pessoas com o tempo passou a me tratar do mesmo jeito, no início a parte financeira queimou mais do que o preconceito [de cor].

David, que antes enfrentava muitas dificuldades, agora fala em mudança. Mudança na sua rotina de vida, mudança na maneira como é visto na sua comunidade, mudança que chega inclusive nas suas preferências e escolhas, salientando o capital cultural objetivado. Ele conta:

Na verdade, você pode optar por ganhar dinheiro através do curso superior, mas isso é uma coisa a longo prazo. O que você ganha é uma coisa que muda a sua vida, que é conhecimento. Então, a visão é outra, ela amplia muito, as pessoas olham você de forma diferente.

Enfermeiro formado, David já concluiu o mestrado e o doutorado. Agora ele compra mais livros, frequenta teatros, museus, passando inclusive a ir a mais shows de MPB, diferentes dos que costumava frequentar antes do ingresso na universidade. Sua vida se transformou sob vários aspectos, mas nesse contexto ainda se vê como o jovem da periferia quando fala em consumo cultural: *“Você vê que o gosto de uma comunidade que você vem é totalmente diferente de um gosto musical de alunos de universidade, mas pra mim isso ainda não é uma realidade, eu fui criado naquilo”*. Isso nos remete ao senso de distinção conceituado por Bourdieu (2007). Percebemos claramente que as estruturas em que estão inseridos os diferentes estilos de vida correspondem à estrutura do espaço destes.

Com relação à renda, enquanto a mãe de David ganha um salário mínimo, ele, apenas dando aulas num final de semana, recebe R\$ 2 mil⁶. O jovem destaca:

Eu tô no doutorado⁷, se eu for dar uma aula um final de semana todo, o pessoal paga R\$ 2 mil, o cara trabalha dois dias pra ganhar R\$ 2 mil, e você dizer que a sua qualidade de vida não mudou? São coisas que vão acontecer porque você fez um curso superior.

David modificou suas práticas em decorrência do aumento da sua renda, com o acesso ao ensino superior, de acordo com o espaço no qual agora está inserido. É interessante notar que as mudanças ocorridas em sua vida vão além do acréscimo na renda. Elas dizem respeito também ao círculo de amizades que passou a construir, ainda que mantenha seus vínculos de origem. David diz que seleciona seus relacionamentos, e que isso é essencial. Ele diz não querer se relacionar com uma pessoa que não estuda: *“Ela pode não ter nada, como eu não tinha, mas só pelo fato dela querer estudar, pra mim já diz tudo”*. E conclui:

A interiorização teve um impacto muito grande não só aqui em Vitória, é importante você dar oportunidade às pessoas que não podiam fazer universidade. Tenho que agradecer ao projeto de interiorização.

David afirma que a universidade é um investimento de longo prazo, mas o ganho é uma coisa que muda a sua vida, que é o acesso ao conhecimento proporcionado por uma escolha que passa a ser possível:

Sua visão amplia muito, as pessoas lhe veem de forma diferente. Quando eu passo lá na rua [no bairro onde morava, no Recife], dizem: “você é o orgulho, sua mãe merece dois filhos que conseguiram entrar na universidade”. Quando têm dúvidas, eles vêm me perguntar. O cara sai da periferia, onde, se o cara não dá pra ladrão, já está bom, se a menina não tiver filho com 15 anos já está bom também. O cara sai de uma realidade negativa e inverte isso, e vai para uma realidade positiva, que é o meio acadêmico. É um impacto muito grande para eles [moradores da comunidade]. A mudança é drástica.

Atualmente com menos tempo, David considera que tem mais qualidade de vida e deixa transparecer a maneira como o acesso à universidade transformou a maneira como projeta o seu futuro e de sua família: *“Posso fazer escolhas que não fazia antes, penso em alguns sonhos que eu não tinha antes. Hoje penso em comprar um carro, uma casa, ajudar a mãe. Meus filhos vão fazer universidade. Tenho senso crítico. Mudou o meu estilo de vida, e vai melhorar quando eu me estabilizar”*.

⁶ Valor informado à época da pesquisa de campo.

⁷ No momento da pesquisa, o jovem cursava o doutorado, já concluído.

Considerações finais

Podemos observar que o projeto de interiorização promoveu mudanças na qualidade de vida de egressos do ensino superior do Centro Acadêmico de Vitória. Os entrevistados apontam melhorias significativas em sua qualidade de vida, após o ingresso na universidade, e a escolha dos cursos como decorrência de uma escolha pelo gosto, embora marcada pela oferta restrita à época da entrada, no período da pesquisa, ou seja, a escolha se configurando como resultado de uma adaptação dos agentes às condições sociais objetivas (BOURDIEU, 2004). Todos melhoraram o nível de renda, passaram a frequentar espaços culturais antes não frequentados, como teatros e museus. As mudanças atingem um âmbito tão extenso que chegam a permear os seus círculos de relacionamento, ainda que permaneçam com vínculos com os seus espaços de origem.

Com relação à permanência na cidade de origem, os dois jovens naturais de Vitória de Santo Antão se mantiveram no município, de modo a converter os resultados positivos da interiorização para o lugar através do trabalho que podem passar a realizar no local, embora a jovem Geneseli pense em conseguir emprego no Recife. No caso de David, que é do Recife, ocorreu uma inversão e a tendência é de que permaneça em Vitória, ainda que tenha feito o doutorado em São Paulo.

Mesmo com as limitações da oferta de opções de curso, os jovens tentaram efetivar suas opções a partir do gosto combinado à escolha do possível, observando com o que se identificavam nas áreas e nas matérias a elas relacionadas. Apenas um dos três entrevistados, originário de escola pública, não almejava ingressar no ensino superior, por falta de conhecimento dos meios de acesso. As práticas distintivas emergiram, o que fica claro no critério para se relacionar com as pessoas após o ingresso na universidade, os lugares que passaram a frequentar e as novas práticas com a mudança dos estilos de vida.

É interessante notarmos que, diferentemente dos outros dois entrevistados, David, que não é natural de Vitória, interiorizou-se, fez o caminho inverso ao sair da capital para o interior em busca de oportunidade. Ele se integrou ao município, dá aulas no curso pré-acadêmico do CAV e sente orgulho disso. O jovem deseja transferir um pouco do seu conhecimento a outras pessoas que pretendam estudar. Os exemplos de vida mostram o saldo positivo do processo de interiorização. Ao analisar os entrevistados em diferentes âmbitos, como a família, a escola e o círculo de amigos, entendemos as razões possíveis do sucesso escolar desses jovens e como isso trouxe mudanças em suas histórias de vida. Como David destaca:

Tenho orgulho da minha trajetória, é o que eu falo aos meus alunos. Me vejo como alguém que aproveitou as oportunidades, que enfrentou as dificuldades. E me orgulho muito do que eu passei, valorizo muito o meio em que eu vim, tenho o maior orgulho. [...] Se não tivesse aquele divisor de águas da minha mãe comigo no 2º ano eu poderia não estar aqui hoje dando essa entrevista. Soube reconstruir e dar a volta por cima. [...] Meus filhos vão poder fazer o curso que eles quiserem, na universidade que eles quiserem.

Verificamos aqui as diferentes formas de aquisição de capital cultural: nos jovens entrevistados, houve um processo de incorporação posterior do capital consagrado, através do acesso à universidade. Para os seus filhos, porém, a expectativa é de que o capital cultural legitimado seja incorporado de modo inconsciente, parte integrante do processo de socialização familiar. Na condição de egressos da universidade pública, num processo de afirmação no espaço dos estilos de vida, esses indivíduos afirmam o seu capital cultural no estado objetivado, como forma de distinção, já que seus diplomas lhes conferem, na condição de capital institucionalizado, a competência cultural para ingressar no mercado de trabalho.

Os estilos de sucesso diferentes, dos quais fala Lahire, evidenciam-se pelas escolhas de cursar uma pós-graduação ou concorrer no mercado de trabalho. Entretanto, está presente na fala dos jovens quando remetem à qualidade de vida: fazer o que antes não era possível ou imaginável. Ainda que provenientes de mercados de capital cultural não legitimados pela escola, houve a conversão do capital herdado por esses indivíduos, mesmo precariamente, em capital escolar que lhes deu aval para o sucesso que eles afirmam estar trilhando.

Referências

- BOTELHO, I; FIORE, M. O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo. *In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIROS DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 8., 2004, **A Questão Social no Novo Milênio**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. p. 1-21. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/IsauraBotelho_MauricioFiore.pdf. Acesso em: 17 jan. 2019.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: BOURDIEU, P. Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2012. p.39-64.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Zouk, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório do REUNI**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. 29 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12386-analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 out. 2010.
- LAHIRE, B. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAHIRE, B. Patrimônios Individuais de Disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 49, p. 11-42, 2005.
- LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, ano 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2004.
- MÜZELL, Lúcia. O fator social. Entrevista com Bernard Lahire. **Revista Educação**, n. 181, 30 abr. 2012. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/o-fator-social/>. Acesso em: 05 dez. 2013.
- OLIVEIRA, S. B. **O repórter amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. 2013. Tese. (Doutorado em Sociologia) – Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, São Paulo, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007.

Recebido em: 16/12/2018

Aceito em: 11/01/2019